

SKINNER FORA DO LABORATÓRIO E DENTRO DA PELE: UMA VISÃO BEHAVIORISTA RADICAL DA SUBJETIVIDADE HUMANA

Viviane de Laia Sales¹; Sérgio Domingues²; Isabela Rossignoli Lopes³

Resumo: *Um das críticas recorrentes ao Behaviorismo é que essa abordagem ignora a consciência, os sentimentos, os estados mentais e não leva em consideração o mundo interior do indivíduo. Há muitas afirmações que dizem que “a psicologia de Skinner é uma psicologia do organismo vazio”, que considera o homem como uma “caixa preta”, ou seja, uma psicologia Estímulo-Resposta, em que o sujeito é passivo. No entanto, observa-se que Skinner não ignorou a linguagem, a subjetividade dos indivíduos, notadamente a partir de seu livro “Comportamento Verbal” de 1957. Neste trabalho, abordou-se essa outra faceta de Skinner; lançando um outro olhar sobre o Behaviorismo Radical e a forma como esse escritor analisa eventos privados como emoções, desejos e sentimentos.*

Palavras-chave: *Behaviorismo radical; comportamento privado; subjetividade.*

Introdução

Para entender a visão de Skinner com relação a conceitos como a subjetividade, pensamento e outros eventos considerados mentais, primeiro é preciso saber que há diferentes visões do Behaviorismo. B.F. Skinner é representante da corrente Behaviorista Radical, que adota uma linha diferente do Behaviorismo metodológico e algumas versões do positivismo lógico. Esses dois últimos excluíam os acontecimentos privados porque não era possível um acordo público acerca da sua validade. Já o Skinner com o Behaviorismo Radical, em seu livro “Sobre o Behaviorismo” afirma: “O que é sentido ou introspectivamente observado não é nenhum mundo imaterial da consciência, da mente ou da vida mental, mas o próprio corpo do observador” (SKINNER, 2006).

¹ Graduanda do curso de Psicologia – FACISA – e-mail: vivi_saless@hotmail.com;

² Professor – FACISA – e-mail: sdufmg@yahoo.com.br; ³ Graduanda do curso de Psicologia – FACISA – e-mail: belrossignoli@hotmail.com

Skinner adotava uma postura monista em relação ao ser humano, não aceitando que eventos privados (o mundo dentro da pele) tenham uma natureza diferente dos eventos públicos (comportamentos observáveis); isto se opõe à separação entre o mundo e a natureza física e não física, típica das posturas dualistas que admitem haver mundos ontologicamente diferentes, como corpo e alma (MOROZ; RUBEMO, 2005).

O comportamento vocal operante ampliou a esfera de ação do ambiente social, quando a musculatura vocal da espécie humana, durante a evolução da espécie, foi posta sob controle operante. Palavras e sentenças que compõem uma língua são instrumentos que expressam significados, pensamentos, ideias, emoções, necessidades, desejos etc. A maneira de uma pessoa falar depende das práticas da comunidade verbal a que pertence, ensinando o indivíduo não só a dar nomes aos objetos que vê, mas também relatar o que sente, percebe e pensa.

Pensar, segundo Skinner, é também comportar-se; o indivíduo pode se comportar de determinada maneira em uma situação e comportar-se diferentemente em outra, sem que isso implique em uma causalidade ou contingência. Assim:

“Pensar” freqüentes vezes significa “agir fracamente”, podendo a fraqueza dever-se, por exemplo, a um deficiente controle por estímulo. Se nos mostrarem um objeto com o qual não estamos muito familiarizados, podemos dizer “penso se trata de uma espécie de chave inglesa”, sendo que “Eu penso” se opõe claramente a “Eu sei”. Registramos baixa probabilidade por uma razão diferente quando dizemos “Penso que irei” em vez de “Eu irei” ou “Eu sei que irei”” (Skinner, 2006, p. 91).

Além de Skinner não considerar a existência de uma mente não física e sim a existência de eventos privados físicos, esse também rejeita a noção do livre arbítrio. Para ele, o que há é um determinismo probabilístico. Dentro da história de condicionamento de cada um, há a razão de por que responder emocionalmente de formas diferentes aos mesmos estímulos. Algumas pessoas podem excitar-se ao ouvir certas palavras de amor e outras não, algumas pessoas podem ter medo de rato e outras não. Os diferentes emparelhamentos de estímulos - um estímulo neutro

que não elicia resposta, emparelhado a um estímulo que elicia resposta, situações que as pessoas passam na vida produzem o “jeito” característico de sentir emoções hoje.

Os comportamentos que são emitidos, como se apaixonar, trabalhar, sonhar podem ser explicados, a partir da análise das contingências que compõe a história de vida da pessoa.

Material e Métodos

O método utilizado para a realização da pesquisa foi o de revisão bibliográfica de textos de B.F. Skinner e alguns estudiosos de sua obra. O objetivo foi o de apresentar uma outra visão do Behaviorismo Radical, quebrando o mito de que se trata de teoria reducionista, que não contempla elementos como a subjetividade, o pensamento e a linguagem.

Revisão de Literatura

Há grande equívoco entre estudantes de Psicologia e psicólogos que é acreditar que o Behaviorismo Radical não passa de uma teoria que estuda apenas ratos em laboratórios.

Há a crença de que a concepção de homem apresentada por essa corrente teórica é a de um sujeito “robotizado”, o qual se leva em conta apenas com reforços e comportamentos públicos, deixando a entender que há uma “receita” para modificar o repertório comportamental dos indivíduos.

Essas são críticas infundadas, pois Skinner postulou em sua teoria a possibilidade de uma mente relacional, nas emoções, nos pensamentos, na subjetividade do ser humano como um todo monista. Os comportamentos descritos são tão físicos quanto os eventos públicos. Os conteúdos mentais, que Skinner chama de comportamentos encobertos, são conhecidos de forma indireta, por meio de relatos verbais observáveis.

Pode-se afirmar que o Behaviorismo Radical se diferencia de outras abordagens Behavioristas porque não nega os eventos privados.

Depois de um estudo mais detalhado do Behaviorismo Radical, percebeu-se que B. F. Skinner não elimina a existência de sentimentos, sensações, idéias e outros traços da vida vulgarmente chamada “psíquica” da explicação e análise do comportamento humano. Esse defende a

existência de comportamentos privados tão físicos quanto os eventos públicos, diferente de interpretações cartesianas que admitem haver mundos ontologicamente diferentes como substâncias materiais e espirituais, físicas e metafísicas (LOPES; ABIB, 2003).

Muitas das críticas que acusam o Behaviorismo Radical de não levar em consideração eventos privados em sua abordagem, ocorrem em razão do desconhecimento de que há outras versões de Behaviorismo, como o metafísico de Watson e o mediacional de Tolman.

O Behaviorismo Metodológico e algumas versões do positivismo lógico não acreditavam ser possível um acordo público acerca da validade dos acontecimentos privados e, assim, os excluía de suas análises. Essa corrente teórica preocupou-se exclusivamente com os acontecimentos externos antecedentes (teorias E-R), deixando de lado a auto-observação e o autoconhecimento. Já o Behaviorismo Radical não nega a possibilidade da auto-observação ou do autoconhecimento, mas questiona a natureza do que é sentido ou observado, restaura a introspecção e suscita o problema de quanto do corpo pode-se realmente observar (MOURA, 2005).

Considerações Finais

O Behaviorismo de Skinner não considera os acontecimentos ocorridos no mundo privado, dentro da pele, como inobserváveis e não os descarta, mas questiona a natureza do objeto observado e a fidedignidade das observações, como ele próprio escreveu em seu livro "*Sobre o Behaviorismo*".

Referências Bibliográficas

LOPES, Carlos Eduardo; ABIB, José Antônio Damásio. O Behaviorismo radical como filosofia da mente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, n. 1, p. 85-94, 2003.

MOREIRA, Márcio Borges; MEDEIROS, Carlos Augusto **Princípios básicos de análise do comportamento**. Porto Alegre: Artmed, 2007. 224 p.

MOROZ, Melania, RUBEMO, Denise Rosana. Subjetividade: a interpretação do behaviorismo radical. **Psicologia da Educação**, n. 20, p. 119-135, 2005.

MOURA, Maria Lucia Seidl. **Dentro e fora da caixa preta:** a mente sob um olhar evolucionista. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o behaviorismo.** 10. ed. Sao Paulo: Cultrix, 2006.

